

CONTRIBUIÇÕES BIOGRÁFICAS DE JUCA KFOURI E TINHORÃO À HISTÓRIA DO JORNALISMO BRASILEIRO

BIOGRAPHICAL CONTRIBUTIONS OF JUCA KFOURI AND TINHORÃO TO THE HISTORY OF BRAZILIAN JOURNALISM

CONTRIBUCIONES BIOGRÁFICAS DE JUCA KFOURI Y TINHORÃO A LA HISTORIA DEL PERIODISMO BRASILEÑO

Felipe Adam

Doutorando em Comunicação Social pela PUC-RS. Bolsista com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

felipeadam91@gmail.com

 0000-0002-3086-178X

Sérgio Luiz Gadini

Pós-doutor pela Universidad Complutense de Madrid, Espanha. Doutor em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

sergiogadini@yahoo.com.br

 0000-0002-1537-1387

Endereço para correspondência: PUC-RS. Avenida Ipiranga, 6681, Prédio 7 – Partenon, Porto Alegre (RS), CEP: 90619-900.

Recebido: 25.05.2020
Aceito: 08.07.2020
Publicado: 31.08.2020.

RESUMO:

O artigo visa avaliar dois livros biográficos de profissionais da imprensa enquanto instrumentos para o resgate da história do jornalismo brasileiro. No estudo, são analisadas as obras *Juca Kfourir: O militante da notícia* (ALENCAR, 2006) e *Tinhorão: O legendário* (LORENZOTTI, 2010) pela atuação de ambos em editorias específicas do jornalismo: esportiva e cultural, respectivamente. Através de três categorias observadas na leitura das biografias – ambiente jornalístico, espaços de pertencimento e legado do biografado –, infere-se que os livros destacam características da profissão, priorizam a memória do protagonista e auxiliam na compreensão do passado jornalístico brasileiro. E, assim, podem servir de breve roteiro (embora parcial) para uma perspectiva biográfica da história do jornalismo em importantes momentos do século XX no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: História do jornalismo; Biografias jornalísticas; Juca Kfourir; Tinhorão; Editoras Universitárias.

Introdução

O presente texto é uma contribuição parcial dos resultados de um trabalho de pesquisa ao mestrado do autor, realizado no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). A investigação voltou o olhar à produção biográfica de jornalistas publicadas em editoras universitárias vinculadas à Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU) no período de 1998 a 2018. Das 29 obras encontradas, 14 se tratavam de protagonistas que atuaram no jornalismo brasileiro. Assim, a dissertação optou por um recorte de oito livros que pudessem oferecer um mosaico das atuações dos profissionais de imprensa a fim de contribuir com o resgate de aspectos profissionais e iluminar a história do jornalismo brasileiro.

A proposta do texto é avaliar duas dessas obras: *Juca Kfourir: O militante da notícia* (ALENCAR, 2006) e *Tinhorão: O legendário* (LORENZOTTI, 2010). Ambos foram biografados quando vivos. Juca nasceu em 1950 e é formado em Ciências Sociais; Tinhorão é de 1928 e soma duas faculdades: Direito e Jornalismo. Mas, acima de tudo, os dois se destacaram pela atuação em periódicos, o primeiro na área esportiva e o segundo, nas pesquisas de Cultura. Foi a partir dessas experiências que o artigo se esforçou a responder o seguinte problema: Como as histórias de vida de Juca Kfourir e Tinhorão ajudam a compreender o passado do jornalismo brasileiro?

Para fins de organização, o artigo se pauta a seguir em uma breve reflexão sobre os protagonistas em questão e, na terceira parte, a análise das obras a partir das características observadas durante a leitura: ambiente jornalístico, espaços de pertencimento e legado do biografado. Esses tópicos serviram como categorias (BAUER, 2000) de análise. Como último aspecto, as considerações finais.

Protagonistas em questão

Enquanto obra cultural em formato livro, o gênero biografia representa a vida de um sujeito. Por mais que a intenção seja reconstituir o passado de alguém, é impossível afirmar que determinada trajetória aconteceu daquela forma linear, cronológica (BOURDIEU, 2001). Por outro lado, o gênero se constitui como uma alternativa de método de pesquisa, em que a história de vida de alguém auxilia na compreensão social de um período. “Mais que um desafio, escrever histórias de vida é uma possibilidade singular de mergulhar no passado, no íntimo dos entrevistados. É a dicotomia entre o real e o pessoal, a produção e a ruptura. É, na verdade, a nosso ver, a renovação do presente” (GOBBI, 2011, p. 84).

Antes de apresentar a ficha de cada biografia selecionada para a amostra, além de uma breve identificação do autor e do biografado, será necessário mencionar os bastidores da confecção da obra biográfica. Em muitas biografias, quando possível, o biógrafo revela o motivo da escolha do protagonista, fontes consultadas, métodos empregados e as dificuldades em conseguir as informações.

Ele sente a necessidade de se explicar junto aos leitores, de antecipar-lhes o que irão descobrir em termos de questões novas e aberturas de arquivos inéditos. O biógrafo justifica sua escolha e enfatiza os argumentos que ensejarão uma maior proximidade com a personagem escolhida, em função de suas pesquisas, de sua sensibilidade e de seus compromissos. (DOSSE, 2015, p. 95)

Para o professor Miquel Rodrigo Alsina (2009), a efetividade do discurso jornalístico se caracteriza como um contrato pragmático fiduciário, ou seja, o indivíduo compra e concorda com aquilo que lê. “Devemos acreditar que isso que se diz é verdade, e que aconteceu de fato assim mesmo. [...] A estratégia consiste em construir um discurso no qual se possa acreditar” (RODRIGO ALSINA, 2009, p. 48). O acordo reflete a legitimidade da função social do jornalista, que demonstra a necessidade de promover a transparência do trabalho. “Por essa razão, fazemos com que apareçam no discurso informativo as fontes da informação que o jornalista consultou, o jornalista lança mão das aspas para citar depoimentos técnicos [...] para que não haja dúvidas sobre ele”, explica Rodrigo Alsina (2009, p. 48-49).

A escolha dos livros - *Juca Kfourí: O militante da notícia* e *Tinhorão: O legendário* – deve-se à atuação de ambos em editorias específicas do jornalismo: Juca, que revolucionou a cobertura esportiva do país, em especial quando esteve à frente da redação de *Placar*, e Tinhorão, pela vasta pesquisa de âmbito cultural, principalmente, a música popular brasileira. Ademais, ambos integravam a coleção *Imprensa em Pauta*¹, editada pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (Imesp)².

Juca Kfourí: O militante da notícia (Figura 1)

Autora: Carlos Alencar

Biografado: José Carlos Amaral Kfourí (Juca Kfourí)

Editora: Imesp

Ano: 2006

¹ A coleção contava ainda com mais duas obras: *Paulo Francis: Polemista Profissional* (2010), escrito por Paulo Eduardo Nogueira; *Roberto Müller Filho: Intuição, política e jornalismo* (2010), de Maria Helena Tachinardi.

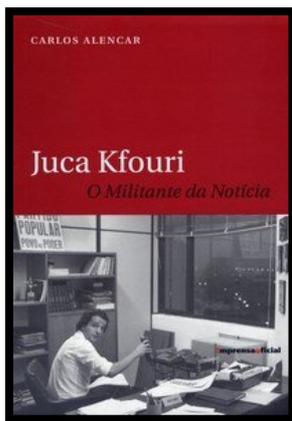
² Disponível em: <https://livraria.imprensaoficial.com.br/>. Acesso em: 22 mai. 2020.

Número de páginas: 212 p.

Tamanho: 13 x 19 cm.

ISBN 85-7060-356-8

Figura 1 – Capa da biografia de Juca Kfouri



Fonte: ALENCAR (2006).

O livro integra a coleção *Imprensa em Pauta*, editada pela Imesp. Por isso, o texto prioriza detalhes do personagem no ambiente jornalístico. Juca Kfouri³, formado em Ciências Sociais, é retratado a partir da relação com o futebol, seja no Jornalismo por meio das passagens pelas revistas *Placar* e *Playboy*, na atividade sindical ou na relação com a política. Nascido em 1950, o livro aborda a vida de Kfouri principalmente a partir de 1964, período em que ele se relacionou com o movimento de guerrilha.

Na leitura do livro, observa-se que Juca Kfouri se tornou um profissional de referência na imprensa esportiva, conforme conta Alberto Dines no prefácio da obra. “Através do futebol – já que a política e a economia estavam blindadas pelo regime militar e seus parceiros civis -, Juca enfrentava o poder, o sistema, a teia de interesses escusos que se cevara à sombra da ditadura” (ALENCAR, 2006, p. 10). O ponto de vista converge quando Alencar (2006, p. 40) relembra de uma das pautas que foram premiadas: a matéria das bolhas dos pés dos jogadores. “No primeiro jogo a que foi, do seu Corinthians, é claro, o que lhe chamou sua atenção no vestiário que não conhecia foi o pé calejado do jogador. Ficou espantado com os joanetes, unhas pisadas, bolhas, enfim, um estado deplorável”. Assim, começaria a pauta no esporte além da cobertura padrão de jogo, com os gols, as substituições e os comentários.

³ Em 2017, Kfouri lançou o livro de lembranças intitulado *Confesso que perdi: Memórias*. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=14406>. Acesso em: 22 mai. 2020.

São 26 capítulos em que Carlos Alencar prioriza a história de momentos marcantes de Juca e por consequência, do jornalismo esportivo. Destacam-se os capítulos sete - *Máfia da loteria abala as estruturas do futebol*, sobre o embate de Placar quanto à possibilidade de investigação e cobertura de outros esportes e reportagens sobre a corrupção nos resultados; onze - *Sorte e teimosia desvendam a identidade de Carlos Zéfiro*, a respeito da primeira matéria de Juca à frente da Playboy; doze - *Camisinha, enfim, liberada na Playboy*, sobre militância do biografado em querer que a revista defenda o uso do preservativo; treze - *Sociólogo ataca de promotor público no mundo da bola*, dos escândalos contra dirigentes esportivos e catorze - *Sogro e genro entram na lista negra de Placar*, das investigações contra João Havelange e Ricardo Teixeira. Não há nenhuma referência bibliográfica ao final do livro. A única fonte oral que é evidenciada pela leitura é a do próprio Juca.

Tinhorão: O legendário (Figura 2)

Autora: Elisabeth Lorenzotti

Biografado: José Ramos Tinhorão

Editora: Imesp

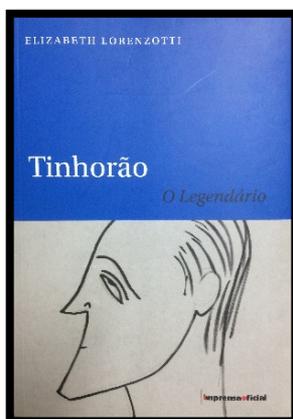
Ano: 2010

Número de páginas: 280 p.

Tamanho: 13 x 19 cm.

ISBN 978-85-7060-735-5

Figura 2 – Capa da biografia de José Ramos Tinhorão



Fonte: LORENZOTTI (2010).

Nascido no litoral paulista (Santos/SP) em 7 de fevereiro de 1928, José Ramos foi cedo ao Rio de Janeiro (com 10 anos), e se fez presente na história do jornalismo a partir de 1953 quando ingressou no *Diário Carioca*, periódico onde ganhou o apelido de Tinhorão que marcaria a carreira e ainda seria reconhecido pelos textos-legendas bem como as críticas ácidas ao ambiente cultural. Entretanto, apesar do trabalho em redação – refletida pela extensa descrição que a autora realiza do ambiente profissional, o biografado se tornou referência na posteridade devido aos estudos sobre música popular.

Personagem singular da história do jornalismo brasileiro, trata-se do único que, a partir de seus artigos em jornais, começou a construir uma outra carreira, a de historiador da cultura urbana. Hoje, seus artigos reunidos em livros são respeitável fonte de estudos e pesquisas, assim como toda sua obra de historiador. (LORENZOTTI, 2010, p. 7)

Os primeiros nove dos 13 capítulos são voltados à carreira do biografado, vida essa que se relaciona com a história também do jornalismo no eixo Rio-São Paulo: de estagiário que escrevia notinhas para a função de copidesque; vida de freelance; mudanças nas rotinas de jornais, além da reforma de modernização no *Jornal do Brasil*. Os capítulos finais abordam os estudos de Tinhorão, “[...] um quase ermitão, um militante solitário da cultura” (LORENZOTTI, 2010, p. 9).

Fonte principal do trabalho, Tinhorão se torna em alguns momentos coadjuvante, pelo simples fato de dividir espaço com outros profissionais como Janio de Freitas, Nilson Lage, Carlos Castello Branco. Ao total, a jornalista Elisabeth Lorenzotti utiliza 77 referências, sendo 13 livros, 34 artigos, 24 obras de Tinhorão, além de seis delas editadas em Portugal. Como anexos, a autora apresenta 16 textos do biografado.

Elementos para uma história do jornalismo brasileiro

A terceira parte do artigo, com a proposta de caracterizar a história do jornalismo brasileiro através das biografias de jornalistas publicadas no período de 1998 a 2018 nas editoras universitárias, destacam-se três situações que se repetem na leitura das oito obras biográficas: “ambiente jornalístico”, “espaços de pertencimento” e “legado do biografado”. Transformadas em categorias (BAUER, 2000), os três casos auxiliam em uma melhor compreensão, pois ilustram dois “passados” (presentes) de profissionais que encontraram no jornalismo uma alternativa de vazão a conhecimentos.

Ambiente jornalístico

A primeira categoria é o “ambiente jornalístico”, que funciona como uma caracterização das redações e das rotinas profissionais (TUCHMAN, 1983). Nele, os jornalistas biógrafos aproveitam para contextualizar épocas e lugares, se utilizam de descrições e ainda inter cruzam histórias de outros jornalistas que conviveram com o biografado. Uma forma de lembrar dos personagens – às vezes, anônimos - que ajudaram a fazer a história do jornalismo local.

Na década de 1950, o jornalismo brasileiro registra uma onda de mudanças. Inspirado nas renovações culturais que despontavam no cinema, na música e no teatro, periódicos contribuíram na renovação do padrão estilístico. Segundo Abreu (2008), o *Última Hora*, com a aplicação de novas técnicas de comunicação; o *Diário Carioca*, que inaugurou o estilo do lead e o *Jornal do Brasil* se destacam na seara. Na biografia a respeito de Tinhorão, tem-se a noção da importância ao conhecer os bastidores do *Diário Carioca*. Embora o periódico fosse conhecido pelo atraso constante dos salários (LORENZOTTI, 2010), o diário foi pioneiro no país em elaborar o primeiro manual de redação. Baseado em jornais norte-americanos, o documento possuía 16 páginas; porém, muito sintético. Entre as recomendações do manual estavam ocupar o primeiro parágrafo com informações concisas, “[...] esclarecendo o maior número das seguintes perguntas relativas ao acontecimento: o quê?, quem?, onde?, como? e, por quê?” (LORENZOTTI, 2010, p. 34). O manual ainda atentava para outros quesitos, o que demonstra uma certa preocupação estilística:

Ordenar o desenvolvimento do resto da notícia pela hierarquia da importância e atualidade dos pormenores.

Usar parágrafos curtos e evitar palavras desnecessárias, qualificativos, principalmente tendenciosos, e frases feitas. Só excepcionalmente usar períodos com mais de quatro linhas datilografadas. [...]

Ler sempre a própria matéria antes de entregá-la, a menos que o tempo não permita. [...]

Evitar fórmulas e expressões genéricas sempre que se disponha de informações e pormenores precisos. (LORENZOTTI, 2010, p. 35).

O período da ditadura militar (1964-1985) também contribuiu para formar o caráter e pensamento de outro futuro profissional da imprensa. De guerrilheiro a estudante das Ciências Sociais, de estagiário no setor de Documentação e Pesquisa da Abril para empregado da editora, Juca Kfoury aprendeu a lidar com desafios, mudanças

bruscas e ainda percorreu o jornalismo. Em meio ao movimento pró-Anistia e às greves dos metalúrgicos no ABC paulista, deflagra-se outra greve, agora envolvendo a categoria jornalística no ano de 1979. Em defesa de um aumento de 25% único para toda categoria, Juca estava à frente da mobilização como chefe do piquete.

Como a adesão dos jornalistas da editora foi de 100%, ele mudou de trincheira e foi fiscalizar a greve dos companheiros no *Estadão*. Lá, em frente ao império da família Mesquita, dois grevistas acabaram feridos em confronto com a polícia. No grupo Folha, o piquete conseguiu retardar a saída de caminhões até cerca das 2 horas da madrugada, mas foi rechaçado com bombas, cassetetes, pontapés e socos. [...] A luta dos jornalistas por melhores salários durou seis dias e foi em vão. A classe recebeu de reajuste apenas os 16% oferecidos pelo sindicato patronal e ainda sofreu com retaliações. (ALENCAR, 2006, p. 49-50).

Na perspectiva corrente de estudos dos movimentos sociais, é, obviamente, sempre discutível avaliar um movimento grevista apenas pela pauta imediata, em geral econômica ou por demandas salariais, pois as lições e experiências, seja dos atores diretamente envolvidos e também às gerações futuras sempre deixam marcas e lições, que vão bem além da constatação polarizada em vitória x derrota. E, pois, vale ponderar a avaliação do momento histórico pelo autor-biógrafo. Considere-se, ainda, que as lutas por direitos sociais não são conclusivas, mas projetam desdobramentos futuros, na mesma proporção em que são impulsionadas por experiências passadas. É a lógica de uma história em disputa e construção, que analistas ou escritores devem compreender ao registrar os acontecimentos.

A história do jornalismo brasileiro é contada em fragmentos, através de recordações, memórias sentimentais, experiências de trabalhos. Muitas delas são de interesse restrito ao local em que o biografado viveu, mas nada menosprezado diante da importância de somar ao arcabouço histórico, os costumes, dificuldades e superações de protagonistas que ajudaram a fazer do jornalismo uma peça fundamental para a construção periódica da realidade social (BERGER; LUCKMANN, 2001). A seguir, os espaços de convivência do biografado.

Espaços de pertencimento

A segunda categoria observada na leitura são os “espaços de pertencimento” do biografado ao longo da história. Além do campo de atuação do jornalismo, espaço que figura como cenário das atividades do biografado, destacam-se outras áreas que, de maneira imbricada ao jornalismo, ajudam a formar o perfil do protagonista.

O campo literário é um dos exemplos, analisado na biografia de Tinhorão. No diálogo com o protagonista, Lorenzotti (2010, p. 117) expõe a influência do jornalismo quando o biografado migrou de repórter para pesquisador e autor de 28 livros - até o ano de 2010. “Escrevo em média um livro a cada dois anos. Trabalho aos domingos, feriados, e o jornalismo ajuda muito. Quase todo início de capítulo de livro meu, se você olhar bem, é um lide. Isso é o jornalismo que dá, não tem aquele ranço de linguagem acadêmica”. Embora tenha formação em Direito e Jornalismo, com pós-graduação em História Social, Tinhorão admite mágoa entre os intelectuais acadêmicos (LORENZOTTI, 2010).

Mas de que forma Tinhorão deveria ser reconhecido pela Academia, em lugar de um jornalista, um curioso? Ele responde: “Como um historiador de cultura urbana com interesse primordialmente dirigido ao fenômeno da criação e produção de música da cidade, modernamente chamada música popular”. (LORENZOTTI, 2010, p. 118)

A política também serve de panorama às atividades do protagonista, como na história de Juca Kfourí. Além de ter atuado no movimento de guerrilha sob o pseudônimo de Bira e militado a favor da classe jornalística durante o tempo que esteve à frente das redações, Juca Kfourí se aproximou da política em alguns momentos, como quando da criação do movimento Democracia Corinthiana⁴. Como fiel torcedor do clube paulistano, Juca se envolveu na causa, presente nas decisões mais ousadas “[...] contratações, demissões, escalação da equipe, data e local de concentrações e outras coisas que, antes, cabiam somente aos cartolas. Tudo era resolvido no voto. E os votos tinham o mesmo peso: do goleiro reserva ao presidente do clube”. (ALENCAR, 2006, p. 69-70)

O engajamento no sucesso da Democracia Corinthiana uniu o útil ao agradável para Juca. Além de a causa ser nobre, no sentido de valorizar as liberdades individuais que ele tanto defendia, a autogestão permitiu que o jornalista travasse um contato estreito com duas paixões de sua vida: o futebol e o Corinthians. Esse sentimento profundo acabou gerando três livros, produzidos nos intervalos entre suas múltiplas atividades de trabalho. (ALENCAR, 2006, p. 73)

Diante do que foi discutido neste tópico dedicado aos “espaços de pertencimento”, percebem-se múltiplos indivíduos num único ser, já que a maioria dos

⁴ No início da década de 1980, embalado pelas mudanças terminais do regime militar, a Democracia Corinthiana surgiu como uma atitude pioneira de socialização no meio do futebol, a começar pelo Sport Clube Corinthians Paulista. Além de distribuir os prêmios diante de todos aqueles que integravam o grupo, desde faxineiras, motoristas, massagistas até jogadores, comissão técnica e diretoria, o movimento defendia atos mais libertários como o fim da concentração pré-jogo, já que para eles, o importante era o resultado dentro do gramado.

biografados não atuava apenas no jornalismo. A própria narrativa deixa transparecer os diversos campos que o biografado percorre para vencer as etapas da vida. Sugere-se até que a facilidade com a qual o protagonista operava nos diversos espaços seja uma qualidade dele, o que o torna singular e merecedor de uma lembrança - ou homenagem - em uma biografia. Daí por que, no tópico que segue, o texto destaca o legado dos dois protagonistas aos estudos acadêmicos, profissionais e históricos do jornalismo.

Legado do biografado

Discutir o “legado do biografado” não equivale a reivindicar qualquer herança no sentido familiar, mas destacar as contribuições dos protagonistas para o desenvolvimento do campo jornalístico. Em uma amostra que contempla oito profissionais de imprensa, com atuações em diferentes âmbitos - não apenas restrita ao jornalismo -, épocas e lugares, pode-se compreender o verdadeiro papel de cada personagem na história do jornalismo brasileiro, fato que justifica a escolha dos livros para o recorte de pesquisa.

No campo específico do jornalismo cultural, José Ramos Tinhorão alcançou todos os méritos; porém, ainda, se pode afirmar, não é lembrado como deveria. Antes de ser conhecido pelos estudos pioneiros da música nacional, ainda no *Diário Carioca*, ‘Tinhorão’ “[...] ficou conhecido pelo jeito especial de aproveitar uma foto com valor jornalístico, mas sem história que justificasse uma notícia” (LORENZOTTI, 2010, p. 44). Duas das funções de copidesque era de melhorar o texto, “[...] o que se fazia naquela época colocando traços sob letras que precisavam ser notadas como maiúsculas, acentuando, inserindo intertítulos; a outra forma é reescrever o texto, cortar, explicar melhor, enfim, aproveitar a informação e escrever tudo de novo” (LORENZOTTI, 2010, p. 45).

Como viver só de reescrita era quase impossível, Tinhorão buscou, de forma independente, a migração para os livros científicos, por meio dos estudos de música popular brasileira, focando uma área que já o envolveu desde o início da formação cidadã. “Nas décadas de 1950 e 1960, o desenvolvimento econômico, pautado cada vez mais pela influência norte-americana [...] refletia-se no estabelecimento de novos padrões da indústria cultural. Mudava o país e mudava sua cultura” (LORENZOTTI, 2010, p. 160). Muito antes de Ruy Castro ter celebrado a bossa nova em *Chega de*

*saudade*⁵, Tinhorão já fazia uma análise profunda sobre a renovação musical, além de uma vasta apuração perante os ritmos nacionais esquecidos. “Qualquer estudo sobre jornalismo cultural na área de crítica da cultura popular terá de levar em conta seu trabalho. Assim, o ‘esquecimento obrigatório’ imposto pela mídia hegemônica foi passageiro, seus artigos se perenizaram em livros” (LORENOTTI, 2010, p. 163).

Embora tenha sido sempre um articulador político – foi um dos co-organizadores do livro *A verdade vencerá* (2018)⁶, uma coleção de depoimentos coletados do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva -, Juca Kfourri inovou as coberturas jornalísticas quando esteve à frente das redações de *Placar* e de *Playboy*. A pauta esportiva foi alterada: ao invés de culto ao craque ou as emoções da bola, *Placar* inovou ao mergulhar na gestão do esporte. O lado administrativo foi exposto, por exemplo, na investigação sobre escândalos milionários da Federação Paulista de Futebol (ALENCAR, 2006). Entre 1991 e 1994, Juca assumiu também a revista *Playboy* e nela, imprimiu também seu jeito investigador. Logo na primeira matéria, propôs desvendar a identidade do Carlos Zéfiro, autor dos quadrinhos eróticos popularmente conhecidos como catecismo, responsáveis pela iniciação sexual de muitos brasileiros.

Outra pauta muito reverenciada na *Playboy* foi a militância de Juca em prol do uso do preservativo. Segundo o vice-diretor da Abril na época, Thomaz Souto Corrêa, não se podia falar sobre camisinha, anúncio de armas de fogo e remédio contra calvície (ALENCAR, 2006). Associar sexo à morte seria o fim da revista, já que a *Playboy* celebrava a vida, em especial, o prazer masculino. A matéria recebeu 12 páginas, foi celebrada com o prêmio da organização Mundial da Saúde e ainda influenciou a matriz americana. Segundo Juca, “Os americanos não gostaram da desobediência no primeiro momento, mas depois do prêmio mudou o conceito. O indiano Harish Scha, que fiscalizava as filiais, ficou contra no início e depois parabenizou a equipe da *Playboy* brasileira” (ALENCAR, 2006, p. 89).

Como o intuito do artigo foi entender como as histórias de vida de Juca Kfourri e Tinhorão ajudam a compreender o passado do jornalismo brasileiro, percebeu-se que, nas duas histórias de vida expostas nesta pesquisa, o “ambiente jornalístico”, os “espaços de pertencimento” e o “legado do biografado” estavam imbricados. A tarefa de separar os aspectos da profissão em três categorias de interpretação proporcionou um novo olhar ao segmento biográfico, não apenas como categoria mercadológica, mas como um segmento que sirva de instrumento de resgate e preservação da

⁵ O livro foi publicado originalmente em 1990 pela editora Companhia das Letras. Como continuação, o jornalista Ruy Castro escreveu *A onda que se ergueu no mar* em 2001 pela mesma editora.

⁶ Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/a-verdade-vencera-784>. Acesso em: 02 fev. 2020.

memória de profissionais lembrados por terem contribuído em alguma vertente da imprensa, como José Ramos Tinhorão e Juca Kfourri, mas que colaboraram na construção da história do jornalismo brasileiro.

Considerações finais

É importante destacar a biografia como um instrumento de valorização de pessoas anônimas, cuja importância se destaca em âmbito local. Porém, embora sirva como uma justa homenagem, preocupa a maneira laudatória que as trajetórias são recontadas. O viés saudosista ainda se reflete sempre em um discurso que destaca qualidades autorais, com raras menções que pudessem prejudicar a imagem, muitas vezes sem a utilização de fontes diversas. Não se compara a uma hagiografia, descrita por Dosse (2015) como uma história de vida santificada. O fato é que, por possuírem importância local e ainda prestígio no nicho profissional, as trajetórias biográficas valorizam o passado exitoso. Embora não seja a intenção deste trabalho, visualiza-se uma projeção de público-leitor às obras: no caso das biografias de Juca Kfourri e Tinhorão, que integram a coleção *Imprensa em Pauta*, da Imesp, onde o texto funciona como um tributo ao priorizar detalhes e marcas da vida das personagens no ambiente jornalístico. Dessa forma, os prováveis leitores tendem a ser indivíduos que conhecem os personagens ou queiram se aprofundar no cotidiano profissional.

Uma característica analisada é de que, em todas as oito biografias, o personagem principal é o fio condutor da história. Ou seja, as abordagens individuais auxiliam na compreensão de um contexto global. Exemplo notório foi a biografia de Juca Kfourri, figura importante para o jornalismo esportivo. Embora graduado em Ciências Sociais, Kfourri foi profissional de veículos jornalísticos e também atuou na atividade sindical dos jornalistas e participou do conselho de assessoria do ministério dos Esportes na época em que Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, foi responsável pela pasta durante o primeiro governo FHC (1995-2002). Diante disso, infere-se que a volatilidade do protagonista em pertencer a múltiplos espaços auxilia na compreensão do indivíduo, bem como serve a uma marca contextual.

A temporalidade é outra característica identificada, já que os biógrafos preferiram não contar as histórias de vida de acordo com uma linearidade. Na obra a respeito de Tinhorão, Lorenzotti (2010) reconta o passado a partir das recordações do protagonista, apoiada em livros, artigos e demais entrevistados. Assim, as biografias não são cronológicas e se assemelham a capítulos temáticos ou fractais, sugestão esta defendida por Pena (2004, p. 62). "A identidade é descentrada e fragmentada. [...]"

Classe, gênero, sexualidade, etnia, nacionalidade, raça e outras tantas identificações formam uma estrutura complexa, instável e, muitas vezes, deslocada. Nas contradições e deslocamentos estão os fractais da identidade”.

Com o intuito de se “[...] [f]azer justiça a certas figuras que a história oficial esqueceu ou depreciou” (DOSSE, 2015, p. 76) e, ainda, para que o legado de jornalistas anônimos ou ilustres profissionais da imprensa seja tratado com igual importância em um mesmo patamar, o estudo aqui apresentado busca jogar luz em momentos de um passado recente, buscando motivar leitores, estudantes, professores, jornalistas e demais interessados na história do jornalismo brasileiro. Afinal, uma biografia, sempre, vai muito além da descrição pontual de uma história de vida, pois dialoga com as marcas de um tempo de vida, luta, sobrevivência humana e história social.

Referências

ABREU, Alzira Alves. **A imprensa em transição: O jornalismo brasileiro dos anos 50**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

ALENCAR, Carlos. **Juca Kfourir: O militante da notícia**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BAUER, Martin W. Análise de Conteúdo Clássica. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 189-217.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, p. 183-191.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: Escrever uma vida**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2015.

GOBBI, Maria Cristina. Método biográfico. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. 5. reimpr. São Paulo: Atlas, 2011, p. 84-97.

LORENZOTTI, Elisabeth. **Tinhorão: O legendário**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

PENA, Felipe. **Teoria da biografia sem fim**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **A Construção da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia: Estudios sobre la construcción de la realidad**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1983.

ABSTRACT:

The article aims to evaluate two biographical books by press professionals as instruments to rescue the history of Brazilian journalism. In the study, two works are analyzed for the performance of both in specific editorials of journalism: sports and cultural, respectively: *Juca Kfouri: O militante da notícia* (ALENCAR, 2006) and *Tinhorão: O legendário* (LORENZOTTI, 2010). Through three categories observed in the reading of the biographies - journalistic environment, spaces of belonging and legacy of the biographer -, it appears that the books highlight characteristics of the profession, prioritize the protagonist's memory and assist in the understanding of the Brazilian journalistic past. And, thus, they can serve as a brief script (albeit partial) for a biographical perspective on the history of journalism in important moments of 20th century in Brazil.

KEYWORDS: History of Journalism; Journalistic biographies; Juca Kfouri; Tinhorão; University publishers.

RESUMEN:

El artículo tiene como objetivo evaluar dos libros biográficos de profesionales de la prensa como instrumentos para rescatar la historia del periodismo brasileño. En el estudio, las obras *Juca Kfouri: O militante da notícia* (ALENCAR, 2006) y *Tinhorão: O legendário* (LORENZOTTI, 2010) se analizan para el desempeño de ambas en editoriales específicas de periodismo: deportes y cultura, respectivamente. Se observaron tres categorías observadas en las biografías (ambiente periodístico, espacios de pertenencia y legado del biógrafo), parece que los libros resaltan las características de la profesión, priorizan la memoria del protagonista y ayudan a comprender el pasado periodístico brasileño. Y, por lo tanto, pueden servir como un guión breve (aunque parcial) para una perspectiva

biográfica sobre la historia del periodismo en momentos importantes del siglo XX em Brasil.

PALAVRAS CLAVE: Historia del periodismo; Biografías periodísticas; Juca Kfouri; Tinhorão; Editores universitarios.